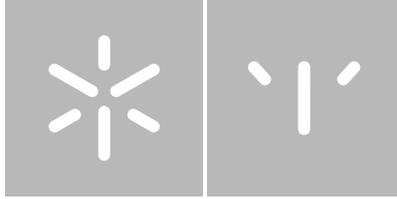


Universidade do Minho

Escola de Psicologia

Kelly Rocha

O papel das redes sociais na infidelidade sexual e emocional



Universidade do Minho

Escola de Psicologia

Kelly Rocha

O papel das redes sociais na infidelidade sexual e emocional

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Psicologia Aplicada

Trabalho realizado sob orientação da
Professora Doutora Joana Arantes

DECLARAÇÃO

Nome: Kelly Rocha

Endereço eletrónico: Kelly-rocha95@hotmail.com

Telemóvel: 964368173

Número do cartão do cidadão: 14958792

Título da Dissertação: O papel das redes sociais na infidelidade sexual e emocional

Orientador: Professora Doutora Joana Arantes

Ano de conclusão: 2018

Designação do Mestrado: Mestrado em Psicologia Aplicada

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, 08/06/2018

Assinatura: Kelly Rocha

(Kelly Rocha)

Índice

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	iv
Abstract.....	v
Introdução.....	6
Método.....	10
Participantes	10
Instrumentos	10
Procedimento	12
Análise de dados	13
Resultados	
.....	23
Discussão.....	24
Conclusão	28
Referências	29

Índice de Tabelas

Tabela 1. <i>Correlações entre Motivação (Insatisfação, Negligência, Sexo, Raiva e Redes sociais), Infidelidade Sexual, Infidelidade Emocional, Percepções de Infidelidade (PDIS – Subescala Ambígua, Implícita e Explícita), Quantidade de Informação ou Fotos nas Redes Sociais e Idade.....</i>	17
Tabela 2. <i>Diferença entre os participantes que colocam fotografias com o parceiro nas redes sociais.....</i>	19
Tabela 3. <i>Diferença entre os participantes que colocam fotografias que tendem a captar muita atenção nas redes sociais.....</i>	20
Tabela 4. <i>Diferenças entre os participantes que desenvolvem comportamentos de sedução através das redes sociais e dos que passam do flirt para algo físico.....</i>	21
Tabela 5. <i>Diferença entre os sexos.....</i>	22

Índice de Figuras

Figura 1. <i>Ajustamento do modelo de cinco fatores.....</i>	15
--	----

Agradecimentos

O presente trabalho representa o culminar de um longo, árduo e estimulante percurso académico. Durante o mesmo, tive o privilégio de conhecer pessoas cuja disponibilidade foi indispensável, e não pode, de forma alguma, ser esquecida. Assim, a todos os que caminharam comigo, é com muita satisfação que expresso o meu profundo agradecimento.

Agradeço à pessoa que me acompanhou ao longo de todo este processo, a Professora Doutora Joana Arantes, orientadora da minha tese de Mestrado. Transmito-lhe os meus sinceros agradecimentos por todo o apoio, preocupação, empenho, e, essencialmente, por nunca desistir apesar dos obstáculos e dificuldades. É um exemplo de profissionalismo e dedicação.

Agradeço aos meus pais que lutam, dia após dia, para que os meus sonhos se concretizem, proporcionando-me apoio e amor incondicional. Devo-vos tudo o que sou hoje. Nada seria possível sem os valores que me transmitiram e sem o grande exemplo de força e perseverança que vocês são para mim. Cada conquista minha é vossa também.

Agradeço à minha irmã, a pessoa mais determinada e corajosa que conheço. Fazes de mim um ser humano melhor. Por ti detenho uma inestimável e eterna gratidão, orgulho e reconhecimento.

Agradeço aos restantes membros da minha família que sempre acreditaram nas minhas capacidades, fornecendo-me conselhos e sabedoria. Que a cumplicidade, carinho e amor que nos une seja exponencial ao sucesso futuro nas nossas vidas.

Agradeço ao meu namorado. Obrigada por despertares sempre o melhor de mim e por transmitires-me sentimentos de proteção e segurança diários. És a minha outra metade, aquele que me completa. Estou e estarei, eternamente, grata por tudo.

Agradeço aos meus amigos que nunca perderam a paciência. Obrigada pelos momentos de riso, pelas palavras de incentivo, ajuda, motivação, e, acima de tudo, pelo sentimento que nutrimos uns pelos outros.

Agradeço aos meus colegas de laboratório de Psicologia Evolutiva pela partilha de conhecimento e colaboração constante.

Por fim, agradeço a todos aqueles que, de algum modo, estiveram presentes nesta etapa fundamental da minha vida que representou um momento de crescimento pessoal e profissional.

“Fais de ta vie un rêve, et d’un rêve, une réalité.”

Antoine de Saint Exupéry

O papel das redes sociais na infidelidade sexual e emocional

Resumo

A infidelidade é um problema cada vez mais comum nos relacionamentos e que afeta de forma significativa todos os envolvidos. Em tempos em que há cada vez mais avanços tecnológicos, esta temática passou também a ser um problema *online*. Desta forma, o objetivo do presente estudo era analisar a relação entre a utilização das redes sociais e as percepções e comportamentos de infidelidade sexual e emocional. Para tal, 681 participantes, com idades compreendidas entre os 15 e os 67 anos, preencheram um questionário *online* que incluía questões sociodemográficas, questões sobre infidelidade e redes sociais, Escala de Percepções de Infidelidade e a Escala de Infidelidade Sexual e Emocional. Os participantes responderam ainda ao Inventário de Motivações para a Infidelidade adaptado que incluía motivações para a infidelidade relacionadas com as redes sociais. Os resultados demonstraram que as redes sociais representam uma motivação para a traição. Além disso, os sujeitos que utilizam com mais frequência as redes sociais, partilham uma maior quantidade de informação/fotografias, recebem comentários positivos de potenciais parceiros, *flirtam* através desses meios virtuais de interação, apresentam níveis de infidelidade sexual e emocional mais elevados, e tendem a perceber menos comportamentos ambíguos, explícitos e implícitos como sendo traição.

Palavras-chave: infidelidade sexual; infidelidade emocional; redes sociais; motivações.

The role of social networks in sexual and emotional infidelity

Abstract

Infidelity is an increasingly common problem in intimate relationships that affects everyone involved. Nowadays, as technology have become part of our daily basis, infidelity has also become an online problem. The main aim of the present study was to analyze the relationship between the use of social networks and the perceptions and behaviors of sexual and emotional infidelity. To accomplish this, 681 participants aged between 15 and the 67 years old completed an online questionnaire that included sociodemographic questions, questions about infidelity and social networks, the Perceptions of Dating Infidelity Scale and the Sexual and Emotional Infidelity Scale. Participants also responded to the adapted Inventory of Motivations for Infidelity which included motivations for infidelity related to social networks. The results showed that social networks are a motivation for betrayal. Besides that, people who use social networks more often, share more information and photographs, receive more likes and positive feedback from potential partners, flirt through these social networks, tend to have higher levels of sexual and emotional infidelity and to perceive less ambiguous, explicit and implicit behaviors as infidelity.

Keywords: sexual infidelity; emotional infidelity; social networks; motivations.

O papel das redes sociais na infidelidade sexual e emocional

Introdução

Na sociedade atual a importância do compromisso tem vindo a diminuir, trazendo fragilidade aos relacionamentos amorosos e, conseqüentemente, promovendo a infidelidade (Bauman, 2004). Desta forma, a infidelidade é percebida como uma prática contra normativa relativamente comum que assombra as relações afetivas (Camargo, Alves, Morais, & Koelzer, 2010), sendo que cada vez mais autores se têm debruçado acerca das suas causas e conseqüências (Lewandowski & Ackerman, 2006; Shackelford & Buss, 1997).

Importa referir que a literatura aponta a existência de dificuldades na definição do conceito devido à sua natureza multidimensional (Blow & Hartnett, 2005; Mattingly, Wilson, Clark, Bequette, & Weidler, 2010). Define-se, no entanto, como qualquer forma de envolvimento, romântico ou sexual, de curta ou longa duração, enquanto o sujeito se encontra numa relação de compromisso amoroso com outra pessoa (Brand, Markey, Mills, & Hodges, 2007). Assim, esta corresponde à quebra de confiança ou à rutura de um acordo – explícito ou implícito – com o parceiro (Pittman, 1989), podendo resultar na instabilidade relacional (Fife, Weeks, & Stellberg-Filbert, 2013). Saliencia-se que a infidelidade não se restringe aos relacionamentos maritais, e pode ser encontrada em namoros, noivados e outras formas de envolvimento afetivos (Shackelford, Leblanc, & Drass, 2000).

Desta forma, existem vários tipos de infidelidade, nomeadamente sexual, emocional e ambas (Kinsey, Pomeroy, & Martin, 1949; Paul & Hayes, 2002). A infidelidade sexual advém de uma conduta que envolve um contato de natureza sexual com uma terceira pessoa, violando as regras básicas estabelecidas pelo par romântico, tais como beijos, toques e carícias nas zonas íntimas ou qualquer tipo de relações sexuais, sejam estas orais, anais ou vaginais (Harris, 2004; Leeker & Carlozzi, 2012). Por sua vez, a infidelidade emocional caracteriza-se pela criação de um vínculo emocional e afetivo com outra pessoa que não o parceiro (Pittman, 1994). Neste sentido, dedica-se tempo, atenção e recursos emocionais para essa pessoa (Shackelford, & Buss, 1996). Esses comportamentos evidenciam o desenvolvimento de sentimentos românticos, estar vulnerável com o outro, compartilhar pensamentos profundos, entre outros (Barta & Kiene, 2005; Fish, Pavkov, Wetchler, & Bercik, 2012).

De salientar que esta problemática afeta homens e mulheres, com ambos os sexos envolvidos em comportamentos extraconjugais (Atkins, Baucom, & Jacobson, 2001). No entanto, algumas investigações apontam que existem diferenças de género em relação a essa questão (Harris, 2003; Shackelford, Buss, & Bennett, 2002). Por exemplo, Sheppard, Nelson e Andreoli-Mathie, (1995) argumentam que o sexo masculino tende a considerar o compromisso e a monogamia como opções

INFIDELIDADE SEXUAL E EMOCIONAL NAS REDES SOCIAIS

menos atraentes do que as mulheres. Neste sentido, vários estudos sugerem que os homens apresentam uma maior tendência a serem infiéis comparativamente às mulheres (Atkins et al., 2001; Lewandowski & Ackerman 2006; Martins et al., 2015), estando mais propensos a envolverem-se tanto em infidelidade sexual como emocional (Pinto & Arantes, 2016). Além disso, verificou-se que os homens tendem mais a desenvolver contactos sexuais, enquanto as mulheres tendem a ser mais infiéis a nível emocional (Pinto & Arantes, 2016; Sagarin, Becker, Guadagno, Nicastle, & Millevoi, 2003). Existem, contudo, alguns estudos que não encontraram diferenças de género em relação à infidelidade (Feldman & Cauffman, 1999; Lammers, Stoker, Jordan, Pollmann, & Stapel, 2011). É, ainda, importante realçar que os indivíduos que são sexualmente mais infiéis tendem, igualmente, a apresentar níveis mais elevados de infidelidade emocional (Pinto & Arantes, 2016).

Verificou-se, também, que as mulheres consideram mais difícil lidar com a infidelidade emocional e são mais propensas a terminar um relacionamento devido a esses comportamentos (Mathes, 2003), enquanto os homens têm maior dificuldade em aceitar a infidelidade sexual, apresentando maior probabilidade de colocar um ponto final ao relacionamento devido a essas atitudes (Green & Sabini 2006). Estes resultados foram explicados à luz de uma perspetiva evolutiva (Cramer, Lipinski, Meteer, & Houska, 2008) segundo a qual os homens possuem um maior risco de não saberem se são, de facto, os progenitores biológicos dos filhos, e, por isso, sentem-se mais afetados com uma infidelidade sexual (Frederick & Fales, 2014). Neste sentido, existe o risco de deixarem de propagar os seus próprios genes. Em relação às mulheres, a infidelidade emocional é vista como mais prejudicial na medida em que, quando o parceiro desenvolve um relacionamento com outra mulher, aumenta o risco de estas perderem recursos necessários à sobrevivência, comprometendo a relação primária a longo prazo (Wilson et al., 2011).

Em relação às perceções acerca da infidelidade, Silva, Saraiva, Albuquerque e Arantes (2017) verificaram que aqueles indivíduos que percecionavam o seu relacionamento como sendo mais positivo tinham perceções mais negativas em relação à infidelidade, e que este resultado era mais forte para os homens do que para as mulheres.

Vários estudos mostraram taxas de prevalência de infidelidade bastante elevadas (e.g., Scheeren, Apellániz, & Wagner, 2018; Zhang, Parish, Huang, & Pan, 2012). Assim, numa amostra de casais americanos, entre 20-40% dos homens casados e 20%-25% das mulheres casadas terão um envolvimento extraconjugal ao longo da vida (Laumann, Gagnon, Michael, & Michaels, 1994; Tafoya & Spitzberg, 2007). Já no estudo de Allen e Baucom (2006) foi encontrada uma taxa de incidência de infidelidade de 70% no contexto de namoro com universitários do sudoeste dos Estados Unidos. Num

INFIDELIDADE SEXUAL E EMOCIONAL NAS REDES SOCIAIS

estudo português, Martins (2012) observou que 22,8% das mulheres e 29,1% dos homens referiram ter sido infiéis. Uma revisão sistemática da literatura (Scheeren, 2016) sugere prevalências entre 1,2% (Beaulieu-Pelletier, Philippe, Lecours, & Couture, 2011) a 89,4% (Zhang et al., 2012).

Dado que a infidelidade é uma das razões mais frequentes para o divórcio e terapia de casal (Fife, Weeks, & Gambescia, 2008; Glass & Wright, 1992; Zordan & Strey, 2011), revela-se imprescindível que sejam investigados os motivos que lhes estão subjacentes. Desta forma, Barta e Kiene (2005) publicaram um estudo acerca das principais motivações para trair. A investigação contou com 432 estudantes universitários da Universidade de Washington, sendo que 120 (27,8%) referiram ter sido infiéis. De acordo com os motivos que foram apontados pelos participantes, foram encontradas quatro categorias: insatisfação no relacionamento, raiva ou desejo de punir o parceiro, negligência por parte do parceiro e sexo, isto é, interesse numa maior variedade ou frequência sexual. Importa realçar que a insatisfação é a motivação com a percentagem mais elevada (51%), seguida da negligência (46%), raiva (13%) e, por último, sexo (10%). Em função do género, os resultados mostraram que as mulheres eram mais motivadas por questões emocionais (insatisfação, negligência e raiva) enquanto os homens por questões sexuais.

Embora a infidelidade seja um acontecimento importante que afeta vários tipos de relações humanas (Russel, Baker, & McNulty, 2013; Wilson et al., 2011), ainda não foram totalmente esclarecidos os mecanismos envolvidos na sua génese, no seu modo de atuação e nas consequências que pode acarretar para todos os envolvidos (Almeida, 2007). Salienta-se, contudo, que essas práticas conduzem a diversas repercussões emocionais, intrapessoais e interpessoais (Luo, Cartun, & Snider, 2010).

Importa referir que, em tempos em que há cada vez mais avanços tecnológicos, a infidelidade passou a ser também um problema *online* (Cravens & Whiting, 2015; Henline, Lamke, & Howard, 2007; Li & Zheng, 2018). Desta forma, os resultados de vários estudos evidenciaram o envolvimento em conversas sexuais *online* e a partilha de informação pessoal *online* como formas de infidelidade (Underwood & Findlay, 2004; Whitty, 2005).

Atualmente, as redes sociais são as ferramentas mais utilizadas na internet (Li & Zheng, 2018; Young & Abreu, 2011). Assim, devido à sua proliferação, criou-se um fenómeno que envolve milhões de utilizadores em todo o mundo (Raacke & Bonds-Raacke, 2008). Considera-se, efetivamente, que as redes sociais se tornaram numa necessidade para a vida profissional e pessoal dos sujeitos (Hintz, Trindade, Halpern, Toschi, & Bronzatti, 2014). Neste sentido, relata-se que a comunicação estabelecida através desse meio tem alterado a natureza dos relacionamentos interpessoais

INFIDELIDADE SEXUAL E EMOCIONAL NAS REDES SOCIAIS

(Donnamaria & Terzis, 2009). Refere-se também que estas correspondem a um espaço importante, atrativo e fundamental na construção dos indivíduos (Wilson, Fornasier, & White, 2010). A par disso, oferecem uma combinação única de componentes como privacidade, anonimato, facilidade de utilização, baixo custo e acesso simplificado a uma ampla variedade de pessoas (Bargh & McKenna, 2004; McKenna & Bargh, 2000). Tudo isto pode aumentar a probabilidade de indivíduos insatisfeitos nos seus relacionamentos amorosos procurarem, assim, novos vínculos sexuais, românticos ou emocionais com pessoas *online* (Atwood, 2005). De facto, a infidelidade *online* torna-se, cada vez mais, motivo de divórcio (Ben-Ze'ev, 2004).

Também neste contexto, as diferenças de género assumem especial relevância. Vários estudos sugerem que o género masculino é o que mais tende a envolver-se em relações românticas mediadas pelo computador (Cooper, Delmonico, & Burg, 2000; Wysocki, 1998). No entanto, as mulheres têm tendência a reportar a infidelidade *online* como mais perturbadora (Hackathorn, 2009) e tendem, comparativamente aos homens, a conceitualizar uma variedade mais ampla de comportamentos *online* como infidelidade (Whitty, 2003).

Assim sendo, o presente estudo tem como principal objetivo investigar se a disponibilidade das redes sociais se relaciona com a infidelidade. Neste sentido, pretende-se analisar mais especificamente se existe uma relação entre a utilização das redes sociais e as perceções e comportamentos de infidelidade (sexual e emocional). Neste âmbito, os resultados serão fundamentados em situações de infidelidade praticada pelos participantes, tanto na relação onde se encontram atualmente, como em relações passadas.

H1: As redes sociais são uma motivação para trair sexualmente e emocionalmente o parceiro.

H2: As pessoas que colocam menos fotografias com o parceiro nas redes sociais traem mais sexualmente e emocionalmente e percecionam menos comportamentos como sendo traição.

H3: As pessoas que colocam fotografias suas que atraem muita atenção e comentários positivos de potenciais parceiros nas redes sociais traem mais sexualmente e emocionalmente e percecionam menos comportamentos como sendo traição.

H4: As pessoas que desenvolvem comportamentos de sedução através das redes social traem mais a sexualmente e emocionalmente e percecionam menos comportamentos como sendo traição.

H5: As pessoas que passam mais tempo nas redes sociais traem mais sexualmente e emocionalmente e percecionam menos comportamentos como sendo traição.

H6: As pessoas que colocam que estão num relacionamento nas redes sociais traem menos sexualmente e emocionalmente e percecionam mais comportamentos como sendo traição.

INFIDELIDADE SEXUAL E EMOCIONAL NAS REDES SOCIAIS

Método

Participantes

A amostra do nosso estudo era composta inicialmente por 743 participantes, sendo que, foram excluídos 62 questionários parcialmente preenchidos. Desta forma, a nossa amostra final foi constituída por 681 indivíduos, todos de nacionalidade portuguesa, dos quais 641 (94,13%) residiam em diversas cidades de Portugal e 40 (5,87%) encontravam-se a viver num país estrangeiro. As idades dos participantes estavam compreendidas entre os 15 e os 67 anos ($M = 25,75$; $DP = 9,10$), sendo que 184 (27,00%) eram do sexo masculino e 497 (73,00%) do sexo feminino. No que toca à orientação sexual, 610 (89,60%) declararam ser heterossexuais, 33 (4,80%) homossexuais, 34 (5,00%) bissexuais e, ainda, quatro (0,60%) classificaram-se como outros (sapiosexual e pansexual). De referir também que 456 (67,00%) encontravam-se num relacionamento amoroso (e.g., casual, namoro, casamento) e 225 (33,00%) referiram não estar numa relação. Dentro dos participantes que estavam num relacionamento, 59 (8,70%) estavam numa relação há menos de seis meses, 51 (7,50%) entre seis meses a um ano, 115 (16,90%) entre um a três anos, 62 (9,10%) entre três a cinco anos e 169 (24,80%) namoravam há mais de cinco anos. Em relação à satisfação com a relação verificou-se uma média de 6,04 ($DP = 1,07$) e satisfação sexual de 5,11 ($DP = 1,84$). Para aqueles que não se encontravam atualmente num relacionamento amoroso, 189 (27,80%) declararam que já tiveram uma relação afetiva no passado e 35 (5,10%) nunca estiveram envolvidos numa relação. Já os participantes que se encontravam comprometidos, 385 (56,50%) declararam ter tido no passado outros relacionamentos amorosos e 71 (10,40%) não tiveram outras relações para além da atual. Em relação ao estado civil, 506 (74,31%) dos inquiridos eram solteiros/as, 154 (22,61%) casados/as ou em união de facto e 21 (3,08%) divorciados/as. Além disso, 679 (99,70%) participantes declararam ter redes sociais e apenas dois (0,30%) não estavam inscritos em nenhuma rede social. Assim, 618 (90,70%) tinham Facebook, 517 (75,90%) Facebook Messenger, 462 (67,80%) Instagram, 355 (52,10%) WhatsApp, 324 (47,60%) Snapchat, 168 (24,70%) Twitter, 126 (18,50%) Tumblr, 28 (4,10%) Tinder, 27 (4,00%) Reddit e, ainda, 34 (3,10%) afirmaram ter outras aplicações (e.g., WeChat, Aslhey Madison, Secondlove, LinkedIn, entre outros).

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico. Incluiu questões relativas ao sexo, idade, nacionalidade, dados demográficos, orientação sexual e estado civil. Inquiriu-se, além disso, se o participante estava envolvido numa relação amorosa e caso tenha respondido afirmativamente, há quanto tempo se encontrava na relação e o quão satisfeito estava numa escala de *Likert* entre 1 (“Nada satisfeito/a”) a

INFIDELIDADE SEXUAL E EMOCIONAL NAS REDES SOCIAIS

7 (“Extremamente satisfeito/a”). Questionou-se também acerca do grau de satisfação com a sua vida sexual e se o participante teve algum relacionamento no passado.

Questões sobre Infidelidade. Era composto por um conjunto de nove perguntas sobre a infidelidade que foram criadas propositadamente para esta investigação. Para os participantes que responderam que se encontravam numa relação, questionou-se se alguma vez tinham seduzido ou cortejado outras pessoas nas redes sociais e se passaram desse *flirt* para algo mais físico. Foi ainda inquirido se alguma vez tinham traído os parceiros atuais. Em relação aos participantes que não se encontravam num relacionamento amoroso, mas afirmaram ter tido algum relacionamento no passado, as perguntas anteriores foram adaptadas.

Questões sobre Redes Sociais. Estas questões foram desenvolvidas por nós com a finalidade de verificar a utilização de redes sociais e perceber os hábitos dos participantes em relação às mesmas. Assim, inicialmente, pedia-se aos participantes para indicarem a rede social em que passavam mais tempo. Seguiam-se cinco questões de escolha múltipla que analisavam em que redes sociais estavam inscritos, quanto tempo passavam nas mesmas por dia, o estado relacional que aparecia na rede social em que passam mais tempo, se nessa rede social tinham fotografias com o parceiro e ainda, se publicavam fotografias que podiam atrair a atenção de potenciais parceiros. Também foi avaliada a quantidade de informação e fotografias colocadas por mês numa escala de *Likert* variando de 1 (“Nenhumas”) a 7 (“Muitas”).

Inventário de Motivações para a Infidelidade (IMI; Barta & Kiene, 2005; Versão Portuguesa de Souto, 2016) adaptado. O IMI original pretendia avaliar quais os motivos evidenciados para cometer um ato de infidelidade. Esta escala demonstrou uma boa consistência interna, apresentando um Alfa de *Cronbach* de 0,85. Era constituída por 16 itens que classificados numa escala de *Likert* que variava de 1 (“Definitivamente não foi um motivo”) a 7 (“Definitivamente foi um motivo”). De referir que pontuações mais altas correspondiam a motivos para trair mais fortes ou frequentes. Os itens encontravam-se divididos em quatro subescalas, sendo estas, insatisfação (e.g., “Eu não tinha a certeza se o meu parceiro/a era a pessoa certa para mim”), negligência (e.g., “O meu parceiro/a estava emocionalmente distante”), sexo (e.g., “O meu parceiro/a tinha perdido o interesse por relações sexuais”) e raiva (e.g., “Eu queria-me vingar do meu parceiro/a por alguma coisa que ele fez”). No presente estudo adaptamos esta escala de modo a incluir também motivações relacionadas com as redes sociais. Mais especificamente, para além destes itens, acrescentaram-se mais quatro questões que relacionavam a infidelidade com as redes sociais (“O meu parceiro exibia-se demasiado nas redes sociais”; “O meu parceiro dedicava mais tempo às redes sociais do que à relação”; “Eu estava a ter

INFIDELIDADE SEXUAL E EMOCIONAL NAS REDES SOCIAIS

muita atenção por parte de outras pessoas nas redes sociais”; “Comecei a dedicar mais tempo às redes sociais”). A escala original apresentava boa confiabilidade interna e todos os fatores possuíam uma consistência interna satisfatória (Sexo: $\alpha = 0,75$; Insatisfação: $\alpha = 0,77$; Negligência: $\alpha = 0,81$; Raiva: $\alpha = 0,79$).

Escala de Percepções de Infidelidade (PDIS; Mattingly, Wilson, Clark, Bequette, & Weidler, 2010; Wilson, Mattingly, Clark, & Bequette, 2011; Versão Portuguesa de Silva, Saraiva, Albuquerque, & Arantes, 2017). Pedia aos participantes para avaliar em que grau certos comportamentos eram considerados para eles como sendo infidelidade. Esta escala incluía 12 itens apresentados numa escala de *Likert* com sete níveis, de 1 ("Nunca é traição") a 7 ("É sempre traição"). Era constituída por três fatores, nomeadamente ambíguos (e.g., "Falar ao telefone ou através da internet com alguém que não seja o seu parceiro/a"), implícitos (e.g., "Mentir ao meu parceiro/a") e explícito (e.g., "Dar e/ou receber sexo oral de outra pessoa que não seja o meu parceiro/a"). Considerou-se que a subescala explícita media a infidelidade sexual, enquanto as subescalas ambígua e implícita avaliavam a infidelidade emocional. Os participantes que obtinham pontuações mais elevadas percecionavam mais comportamentos como sendo traição. Todos os fatores evidenciavam uma consistência interna satisfatória (Ambíguos: $\alpha = 0,81$; Implícitos: $\alpha = 0,72$; Explícitos: $\alpha = 0,83$).

Escala de Infidelidade Sexual e Emocional (EISE; Pinto & Arantes, 2016). Foi desenvolvida e validada para a população portuguesa, tendo como principal finalidade avaliar a prática de comportamentos de infidelidade ao nível emocional e sexual. Assim, era composta por 14 itens, sete relacionados com a infidelidade sexual (e.g., "Toco em partes íntimas de outras pessoas que não o meu parceiro/a") e sete relativos à infidelidade emocional (e.g., "Tenho sentimentos amorosos por outros que não o meu parceiro/a"). Cada item foi pontuado numa escala de *Likert* de sete pontos, de 1 ("Nunca o faço") a 7 ("Faço-o frequentemente"). De referir que pontuações mais elevadas significavam que os participantes traíam mais sexualmente ou emocionalmente. Esta escala demonstrou uma boa consistência interna, exibindo um Alfa de *Cronbach* de 0,93 (Pinto & Arantes, 2016).

Procedimento

Com a finalidade de criar o questionário, recorreu-se ao programa *Qualtrics*, versão 2017, do *Qualtrics Research Suite* (www.qualtrics.com). Este esteve disponível *online* em *links* e páginas do Facebook. Desta forma, através de diferentes partilhas, foi possível contactar-se várias pessoas de diferentes localidades do país de modo a que a amostra fosse o mais heterogénea possível e não apenas representativa de uma determinada localidade. Inicialmente, os participantes tiveram acesso a um consentimento informado que garantia o anonimato e confidencialidade dos dados, informando

INFIDELIDADE SEXUAL E EMOCIONAL NAS REDES SOCIAIS

acerca do objetivo da investigação. Em seguida, seguiram-se as questões sociodemográficas.

Posteriormente, os sujeitos preencheram o questionário sobre a infidelidade e, para aqueles que responderam afirmativamente às questões que inquiriam acerca de se já tinham traído o parceiro atual ou parceiros anteriores, apresentava-se o IMI. Caso tenham respondido negativamente, passavam diretamente para os questionários seguintes (EISE, PDIS e questões sobre as redes sociais), que eram apresentados de forma aleatória. Importar realçar que às escalas EISE e PDIS apenas respondiam os participantes que referiram estar envolvidos atualmente num relacionamento amoroso ou no passado. De salientar que os participantes não receberam remuneração monetária e o procedimento demorou aproximadamente 10-15 minutos.

Análise de dados

Depois de preencherem o questionário, as respostas eram gravadas pelo programa para posteriormente serem analisadas. Todos os dados recolhidos no nosso estudo foram exportados para um documento do Excel. As análises foram realizadas com o *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS®* versão 24.0), e incluíram: i) análise fatorial exploratória; ii) análise fatorial confirmatória recorrendo-se para o efeito ao *software Analysis of Moment Structures (AMOS* versão 24.0); iii) correlações de *Pearson*, para examinar as associações entre as diferentes variáveis presentes no estudo; iv) *testes t* para investigar as diferenças entre os participantes que: partilhavam fotografias com o parceiro nas redes sociais, colocavam fotografias suas que despertavam atenção e comentários positivos de potenciais parceiros nas redes sociais, desenvolveram comportamentos de sedução através das redes sociais (na relação atual ou no passado), declararam ter passado do *flirt* com outras pessoas nas redes sociais para algo mais físico (na relação atual ou no passado) e eram do sexo feminino e masculino; e v) *ANOVA* para examinar possíveis diferenças entre os indivíduos que despendiam mais tempo nas redes sociais, com diferentes estados relacionais nas redes sociais, que estavam há mais tempo envolvidos numa relação amorosa e com diferentes orientações sexuais. De salientar também que antes de as análises serem executadas, assegurávamos que todas as condições do teste fossem cumpridas. Um critério de $p < 0,05$ foi usado para todos os testes de significância.

Resultados

Dos 681 indivíduos que participaram neste estudo, 47 (6,90%) afirmaram ter sido infiéis na relação atual e 130 (19,10%) no passado. Além disso, 54 (7,90%) participantes admitiram ter desenvolvido comportamentos de sedução nas redes sociais no decorrer da relação atual; desses, 14 (25,90%) revelaram ter passado do *flirt* para algum comportamento mais físico (e.g., beijos, carícias,

INFIDELIDADE SEXUAL E EMOCIONAL NAS REDES SOCIAIS

entre outros). Ainda, 113 (16,60%) participantes relataram ter realizado comportamentos de sedução com outras pessoas através das redes sociais no decorrer de uma relação passada e 52 (46,00%) desses participantes passaram do *flirt* para algo mais físico.

Adaptação do IMI: Análise fatorial exploratória e confirmatória

Uma vez que o Inventário de Motivações para a Infidelidade (IMI) foi adaptado para responder aos objetivos do nosso estudo, revelou-se necessária a análise das propriedades psicométricas. Inicialmente, realizou-se a análise da sensibilidade através de tabelas de frequência e distribuição dos dados. Os resultados revelaram boa sensibilidade para todos os itens.

Para avaliar a validade de construto realizou-se uma análise fatorial exploratória dos componentes principais com rotação *Varimax*. Para isso, determinou-se os valores do teste de esfericidade de Bartlett ($p < 0,001$) e do teste de Kaiser-Meyer-Olkin (0,69). Através da análise fatorial exploratória foram inicialmente extraídos seis fatores. No entanto, dado que a versão original do inventário apresentava quatro fatores e atendendo aos pressupostos teóricos que estão na base da organização da nova versão desta escala, forçou-se a análise a extrair cinco fatores. Desta forma, foram extraídos cinco fatores explicativos de 59,88% da variância. O fator 1 explicava 14,41% da variância e integrava os itens 1, 3, 7 e 10. O fator 2 explicava 13,11% da variância e integrava os itens 2, 11, 13 e 16. O fator 3 explicava 13,04% da variância e integrava os itens 5, 6, 8, 14 e 15. O fator 4 explicava 10,51% da variância e integrava os itens 4, 9 e 12. O fator 5 explicava 8,82% da variância e integrava os itens 17, 18, 19 e 20. Todos os itens tinham saturação, em pelo menos um fator, ≥ 0.3 . Apesar dos itens 19 e 20 saturarem de um modo elevado nos fatores 1 e 5, tendo como base os pressupostos teóricos optamos pela inclusão destes itens no fator 5.

De modo a determinar em que medida o modelo teórico subjacente ao racional da escala se encontrava ajustado aos dados empíricos do presente estudo realizaram-se análises fatoriais confirmatórias. Analisaram-se, desta forma, os múltiplos índices de adaptação dos modelos, incluindo o qui-quadrado (χ^2), índice de ajuste comparativo (CFI) e a raiz quadrada média do erro de aproximação (RMSEA). A análise fatorial confirmatória (ver Figura 1) revelou um bom ajuste do modelo de cinco fatores ($\chi^2 = 305,95$; CFI = 0,80; RMSEA = 0,06).

INFIDELIDADE SEXUAL E EMOCIONAL NAS REDES SOCIAIS

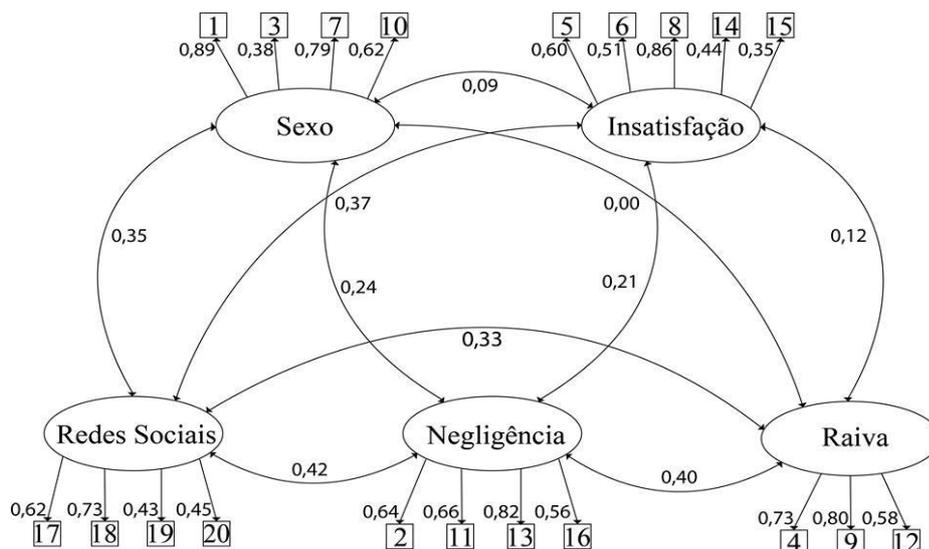


Figura 1

Ajustamento do modelo de cinco fatores.

Relativamente às cinco motivações para a infidelidade, a negligência foi a motivação à qual os participantes atribuíram valores mais elevados ($M = 3,58$; $DP = 1,77$), seguida da insatisfação ($M = 3,41$; $DP = 1,54$), raiva ($M = 1,96$; $DP = 1,45$), sexo ($M = 1,92$; $DP = 1,35$) e redes sociais ($M = 1,67$; $DP = 1,03$). É importante referir que não existiram diferenças estatisticamente significativas entre os valores das motivações redes sociais e sexo, $t(137) = 1,80$, $p > 0,05$, mas que existiram diferenças entre as valores obtidos na motivação redes sociais e as restantes 3 motivações: negligência [$t(137) = 12,87$, $p < 0,001$], insatisfação [$t(137) = 12,04$, $p < 0,001$] e raiva [$t(137) = 2,21$, $p < 0,05$].

O IMI alterado apresentou boa confiabilidade interna e, à semelhança da escala original, o cálculo do Alpha de Cronbach revelou uma consistência interna satisfatória ($\alpha = 0,77$).

Análises correlacionais

A tabela 1 apresenta as correlações entre as diferentes motivações para a infidelidade, infidelidade, perceções em relação à infidelidade, quantidade de informação/fotografias que os participantes colocam nas redes sociais e idade.

Em relação às motivações para a infidelidade, verificou-se a existência de uma correlação positiva significativa entre a motivação redes sociais e a motivação insatisfação [$r(138) = 0,19$, $p < 0,05$], motivação negligência [$r(138) = 0,29$, $p < 0,01$], motivação sexo [$r(138) = 0,37$, $p < 0,01$], motivação raiva [$r(138) = 0,28$, $p < 0,01$] e infidelidade sexual [$r(125) = 0,18$, $p < 0,05$]. Assim, participantes que pontuaram mais na motivação redes sociais tendem igualmente a evidenciar valores mais elevados nas restantes motivações assim como a serem mais infiéis sexualmente.

INFIDELIDADE SEXUAL E EMOCIONAL NAS REDES SOCIAIS

Relativamente à motivação insatisfação, foi evidenciada uma correlação positiva significativa com a motivação negligência [$r(139) = 0,19, p < 0,05$], sendo que participantes que pontuaram mais na motivação insatisfação tendem a evidenciar valores mais elevados na motivação negligência. Foi ainda observada uma correlação positiva, estatisticamente significativa, entre a motivação insatisfação e a subescala explícita do PDIS [$r(129) = 0,25, p < 0,01$], indicando que os sujeitos que apresentam a insatisfação como motivação para traírem tendem a perceber mais comportamentos explícitos como sendo traição.

No que concerne à motivação negligência, verificou-se que existia uma correlação positiva e significativa com a motivação sexo [$r(140) = 0,20, p < 0,05$], motivação raiva [$r(139) = 0,30, p < 0,01$] e a subescala explícita do PDIS [$r(129) = 0,28, p < 0,01$]. Neste sentido, os participantes que admitiram trair mais devido à negligência tendem a apresentar valores elevados na motivação sexo e raiva, assim como a perceber mais comportamentos explícitos como sendo traição.

No que toca à motivação sexo, foram encontradas correlações positivas com a infidelidade sexual [$r(128) = 0,49, p < 0,01$] e infidelidade emocional [$r(128) = 0,41, p < 0,01$], indicando que as pessoas que pontuaram mais na motivação sexo tendem a ser mais infiéis sexualmente e emocionalmente.

Em relação à motivação raiva, encontrava-se correlacionada positiva e estatisticamente significativa com a infidelidade emocional [$r(126) = 0,24, p < 0,01$], evidenciando que os sujeitos mais motivados por raiva tendem a apresentar valores mais elevados de infidelidade emocional.

Relativamente à infidelidade sexual, estava correlacionada positivamente e de forma estatisticamente significativa com a infidelidade emocional [$r(580) = 0,68, p < 0,01$] e negativamente com a subescala explícita do PDIS [$r(567) = -0,18, p < 0,01$]. Isto indica-nos que os sujeitos que traem mais sexualmente os parceiros tendem, igualmente, a trair mais emocionalmente e a perceber menos comportamentos explícitos (associados à infidelidade sexual) como sendo traição.

Por sua vez, a infidelidade emocional apresentava uma correlação negativa, estatisticamente significativa com a subescala ambígua do PDIS [$r(567) = -0,12, p < 0,01$], subescala implícita [$r(569) = -0,13, p < 0,01$] e subescala explícita [$r(566) = -0,20, p < 0,01$]. Esses resultados indicavam que quem é mais infiel emocionalmente tende a perceber menos comportamentos ambíguos, implícitos e explícitos como sendo traição.

A subescala implícita do PDIS encontrava-se correlacionada positivamente com a subescala explícita [$r(576) = 0,40, p < 0,01$] e com a quantidade de informação/fotografias que os participantes colocavam nas redes sociais [$r(568) = 0,09, p < 0,05$], indicando que os participantes que

INFIDELIDADE SEXUAL E EMOCIONAL NAS REDES SOCIAIS

percecionavam mais comportamentos implícitos como sendo traição tendem a fazer o mesmo com os comportamentos explícitos e tendem a colocar mais informação/fotografias nas redes sociais. Já a subescala ambígua do PDIS encontrava-se correlacionada positivamente e estatisticamente com a subescala implícita [$r(577) = 0,37, p < 0,01$] e subescala explícita [$r(576) = 0,54, p < 0,01$]. Assim, os sujeitos que percecionavam mais comportamentos ambíguos como traição também percecionavam mais comportamentos implícitos e explícitos como uma forma de infidelidade.

Além disso, a idade correlacionou-se negativa e significativamente com a quantidade de informação nas redes sociais [$r(616) = -0,11, p < 0,01$], mostrando que participantes mais velhos tendem a disponibilizar menos informação nas redes sociais.

Tabela 1

Correlações entre Motivação (Insatisfação, Negligência, Sexo, Raiva e Redes sociais,), Infidelidade Sexual, Infidelidade Emocional, Percepções de Infidelidade (PDIS – Subescala Ambígua, Implícita e Explícita), Quantidade de Informação ou Fotografias nas Redes Sociais e Idade.

Variáveis	1. MI	2. MN	3. MS	4. MR	5. MRS	6. IS	7. IE	8. PDISA	9. PDISI	10.PDISE	11. Inf/Fot	12. Idade
1		0,19*	0,03	0,12	0,19*	-0,10	0,07	0,08	0,17	0,25**	0,09	0,01
2			0,20*	0,30**	0,29**	-0,04	0,08	0,10	0,14	0,28**	0,03	0,02
3				0,09	0,37**	0,49**	0,41**	0,06	0,05	-0,07	-0,12	0,14
4					0,28**	0,08	0,24**	-0,09	-0,03	0,06	-0,00	0,15
5						0,18*	0,17	0,15	0,11	0,12	-0,06	0,09
6							0,68**	-0,01	-0,07	-0,18**	0,05	0,02
7								-0,12**	-0,13**	-0,20**	0,05	-0,03
8									0,37**	0,54**	0,03	0,03
9										0,40**	0,09*	-0,00
10											0,00	0,03
11												-0,11**

Nota. 1 – Motivação Insatisfação (MI); 2 – Motivação Negligência (MN); 3 – Motivação Sexo (MS); 4 – Motivação Raiva (MR); 5 – Motivação Redes sociais (MRS); 6 – Infidelidade Sexual (IS); 7 – Infidelidade Emocional (IE); 8 – PDIS Ambígua (PDISA); 9 – PDIS Implícita (PDISI); 10 – PDIS Explícita (PDISE); 11 – Quantidade de Informação ou Fotografias nas Redes Sociais (Inf/Fot); e 12 – Idade.

** $p < 0,01$; * $p < 0,05$.

Diferenças entre os participantes que colocam fotografias com o parceiro nas redes sociais

Realizou-se um teste *t* para amostras independentes de modo a perceber se existem diferenças entre os participantes que colocavam fotografias com o parceiro nas redes sociais e aqueles que não partilhavam (Tabela 2). Verificou-se que os participantes que possuem fotografias com o parceiro nas redes sociais apresentavam valores mais elevados na subescala ambígua do PDIS, $t(564) = 4,18$, $p < 0,001$ e subescala explícita, $t(563) = 4,05$, $p < 0,001$, assim como valores menores de infidelidade sexual, $t(565) = -2,25$, $p < 0,05$ e infidelidade emocional, $t(563) = -4,62$, $p < 0,001$.

Tabela 2.

Diferenças entre os participantes que colocavam fotografias com o parceiro nas redes sociais.

	Fotografias com o parceiro M (DP)	Ausência de fotografias com o parceiro M (DP)
Motivação insatisfação	3,46 (1,54)	3,28 (1,58)
Motivação negligência	3,69 (1,85)	3,55 (1,67)
Motivação sexo	1,87 (1,36)	1,86 (1,25)
Motivação raiva	1,98 (1,42)	1,87 (1,49)
Motivação redes sociais	1,61 (0,98)	1,62 (1,01)
PDIS ambígua	2,85 (1,45)	2,38 (1,23)
PDIS explícita	5,71 (1,10)	5,34 (1,06)
PDIS implícita	4,83 (1,53)	4,60 (1,60)
Infidelidade sexual	1,12 (0,52)	1,24 (0,75)
Infidelidade emocional	1,43 (0,74)	1,75 (0,93)
Informação/fotografias	3,04 (1,52)	2,80 (1,81)

Diferenças entre os participantes que colocam fotografias que tendem a captar muita atenção nas redes sociais

Os participantes que referiram ter fotografias que despertavam muita atenção e comentários positivos de potenciais parceiros nas redes sociais apresentavam valores mais elevados de infidelidade sexual, $t(566) = 2,91$, $p < 0,01$ e de infidelidade emocional, $t(564) = 4,76$, $p < 0,001$, disponibilizando uma maior quantidade de informação e fotografias nas redes sociais, $t(614) = 6,17$, $p < 0,001$. Porém, estes participantes tendem a apresentar valores mais baixos na subescala implícita do PDIS, $t(566) = -2,20$, $p < 0,05$ (ver Tabela 3).

INFIDELIDADE SEXUAL E EMOCIONAL NAS REDES SOCIAIS

Tabela 3.

Diferenças entre os participantes que colocam fotografias que tendem a captar muita atenção nas redes sociais.

	Fotografias que despertam atenção M (DP)	Ausência de fotografias que despertam atenção M (DP)
Motivação insatisfação	3,43 (1,52)	3,36 (1,57)
Motivação negligência	3,78 (1,67)	3,57 (1,79)
Motivação sexo	1,81 (1,11)	1,88 (1,37)
Motivação raiva	1,92 (1,29)	1,93 (1,51)
Motivação redes sociais	1,77 (1,03)	1,56 (0,98)
PDIS ambígua	2,49 (1,36)	2,65 (1,37)
PDIS explícita	5,43 (1,06)	5,56 (1,10)
PDIS implícita	4,43 (1,65)	4,79 (1,55)
Infidelidade sexual	1,34 (0,82)	1,14 (0,59)
Infidelidade emocional	1,93 (1,14)	1,51 (0,75)
Informação/fotografias	3,73 (1,96)	2,71 (1,54)

Diferença entre os participantes que desenvolvem comportamentos de sedução através das redes sociais e dos que passam do flirt para algo físico

Os sujeitos que declararam ter desenvolvido comportamentos de sedução através das redes sociais no decorrer da relação atual apresentavam valores mais elevados de infidelidade sexual, $t(409) = 5,45$, $p < 0,001$ e emocional, $t(407) = 7,27$, $p < 0,001$, e valores mais baixos na subescala implícita do PDIS, $t(408) = -2,52$, $p < 0,05$ e subescala explícita, $t(406) = -3,33$, $p < 0,001$ (ver Tabela 4).

Realizou-se um teste *t* para amostras independentes para perceber se existiam diferenças entre os participantes que declararam ter desenvolvido comportamentos de sedução através das redes sociais no decorrer de uma relação amorosa passada. Estes indivíduos apresentavam valores mais elevados no que toca à motivação redes sociais $t(130) = -2,3$, $p < 0,05$, motivação sexo $t(134) = 3,34$, $p < 0,001$, infidelidade sexual, $t(517) = 6,59$, $p < 0,001$, infidelidade emocional, $t(515) = 7,36$, $p < 0,001$, e partilhavam uma maior quantidade de informação e fotografias nas redes sociais, $t(158) = 2,37$, $p < 0,05$.

Os resultados mostraram ainda que os participantes que estavam atualmente envolvidos num relacionamento afetivo e declararam ter passado do *flirt* com outras pessoas nas redes sociais para

INFIDELIDADE SEXUAL E EMOCIONAL NAS REDES SOCIAIS

algo mais físico, evidenciaram valores mais elevados de infidelidade sexual, $t(49) = 4,09$, $p < 0,001$ e infidelidade emocional, $t(49) = 2,28$, $p < 0,05$. Estes participantes tendem ainda a perceber menos comportamentos explícitos como sendo traição, $t(49) = -2,38$, $p < 0,05$.

Os participantes que declararam ter passado do *flirt* com outras pessoas nas redes sociais para algo mais físico no decorrer de uma relação amorosa passada, evidenciaram, através de um teste *t* para amostras independentes, valores mais elevados no que toca à infidelidade sexual, $t(101) = 3,35$, $p < 0,001$ e infidelidade emocional, $t(101) = 2,69$, $p < 0,01$, e valores mais baixo na subescala implícita do PDIS, $t(102) = -2,16$, $p < 0,05$.

Tabela 4.

Diferenças entre os participantes que desenvolvem comportamentos de sedução através das redes sociais e dos que passam do flirt para algo físico.

	Relação atual				Relação passada			
	<i>Flirt</i>	<i>Ausência de flirt</i>	<i>Flirt e contacto físico</i>	<i>Ausência de contacto físico</i>	<i>Flirt</i>	<i>Ausência de flirt</i>	<i>Flirt e contacto físico</i>	<i>Ausência de contacto físico</i>
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)
Motivação insatisfação	3,22 (1,49)	3,62 (1,56)	2,97 (1,39)	3,44 (1,59)	3,47 (1,32)	3,37 (1,70)	3,40 (1,32)	3,74 (1,33)
Motivação negligência	3,29 (1,73)	3,76 (1,86)	2,81 (1,43)	3,70 (1,91)	3,65 (1,76)	3,51 (1,77)	3,67 (1,67)	3,58 (2,12)
Motivação sexo	2,18 (1,38)	1,74 (1,32)	2,60 (1,63)	1,82 (1,05)	2,34 (1,35)	1,61 (1,21)	2,39 (1,34)	2,18 (1,42)
Motivação raiva	2,45 (1,78)	1,86 (1,31)	2,36 (1,41)	2,52 (2,10)	2,04 (1,60)	1,88 (1,34)	2,11 (1,72)	1,79 (1,08)
Motivação redes sociais	1,97 (1,36)	1,58 (0,91)	2,55 (1,72)	1,51 (0,79)	1,89 (1,21)	1,49 (0,79)	1,94 (1,22)	1,73 (1,21)
PDIS ambígua	2,38 (1,39)	2,79 (1,44)	1,95 (1,01)	2,52 (1,49)	2,67 (1,47)	2,58 (1,34)	2,73 (1,48)	2,62 (1,48)
PDIS explícita	5,18 (1,28)	5,70 (1,02)	4,48 (1,72)	5,41 (1,01)	5,18 (1,28)	5,70 (1,02)	5,39 (1,12)	5,45 (1,42)
PDIS implícita	4,29 (1,77)	4,88 (1,53)	3,73 (1,94)	4,49 (1,69)	4,29 (1,77)	4,88 (1,53)	4,15 (1,54)	4,80 (1,56)
Infidelidade sexual	1,62 (1,07)	1,11 (0,53)	2,53 (1,49)	1,30 (0,66)	1,62 (1,07)	1,11 (0,53)	2,02 (1,57)	1,23 (0,71)
Infidelidade emocional	2,31 (1,20)	1,41 (0,76)	2,94 (1,51)	2,10 (1,01)	2,31 (1,20)	1,41 (0,76)	2,53 (1,56)	1,88 (0,83)
Informação/fotos	3,25 (1,78)	2,85 (1,51)	3,54 (2,03)	3,16 (1,70)	3,32 (1,74)	2,88 (1,68)	3,48 (1,70)	3,18 (1,79)

Diferença entre os sexos

Um teste *t* para amostras independentes foi realizado com a finalidade de perceber se existiam diferenças entre o sexo masculino e feminino. Encontrou-se uma diferença estatisticamente significativa relativamente à motivação insatisfação, $t(138) = -2,53$, $p < 0,05$, motivação negligência, $t(138) = -2,54$, $p < 0,05$, e motivação sexo, $t(140) = 4,95$, $p < 0,001$. Desta forma, verificou-se que as mulheres apresentavam valores mais elevados nas motivações insatisfação e negligência enquanto os homens pontuavam mais na motivação sexo. Além disso, o sexo feminino apresentava valores mais elevados na subescala ambígua do PDIS, $t(575) = -3,19$, $p < 0,01$, subescala implícita, $t(578) = -4,01$, $p < 0,001$ e explícita, $t(574) = -4,52$, $p < 0,001$, evidenciando percepções mais negativas acerca da infidelidade. Por sua vez, os homens pontuavam mais na infidelidade sexual, $t(580) = 4,43$, $p < 0,001$ e na infidelidade emocional, $t(578) = 4,87$, $p < 0,001$. Porém, as mulheres eram quem colocava mais informação ou fotografias nas redes sociais, $t(614) = -4,00$, $p < 0,001$.

Tabela 5.

Diferenças entre os sexos

	Mulheres M (DP)	Homens M (DP)
Motivação insatisfação	3,63 (1,60)	2,93 (1,31)
Motivação negligência	3,83 (1,83)	3,02 (1,48)
Motivação sexo	1,58 (1,10)	2,71 (1,54)
Motivação raiva	1,65 (1,12)	2,09 (1,56)
Motivação redes sociais	1,55 (0,92)	1,92 (1,21)
PDIS ambígua	2,72 (1,42)	2,31 (1,20)
PDIS implícita	4,86 (1,50)	4,27 (1,71)
PDIS explícita	5,65 (1,02)	5,19 (1,22)
Infidelidade sexual	1,12 (0,45)	1,39 (1,04)
Infidelidade emocional	1,49 (0,78)	1,88 (1,04)
Quantidade de informação ou fotos nas redes sociais	3,07 (1,73)	2,46 (1,43)

Diferenças entre os participantes que passam mais tempo nas redes sociais

Com o intuito de examinar possíveis diferenças entre os utilizadores que despendiam diferentes quantidades de tempo nas redes sociais, realizou-se uma ANOVA unidirecional. Assim, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito à motivação raiva, $F(4,125) = 3,41$, $p <$

INFIDELIDADE SEXUAL E EMOCIONAL NAS REDES SOCIAIS

0,05, infidelidade emocional, $F(4,564) = 2,80$, $p < 0,05$, e quantidade de informação/fotografias nas redes sociais, $F(4,613) = 12,19$, $p < 0,001$. Testes post-hoc revelaram que os participantes que passavam menos entre 30 minutos a uma hora por dia nas redes sociais ($M = 1,68$; $DP = 1,36$), de uma a três horas ($M = 1,68$; $DP = 0,99$) e de três a cinco horas ($M = 1,58$; $DP = 1,14$) eram menos motivados a trair por raiva comparativamente aos participantes que passavam mais de cinco horas ($M = 3,00$; $DP = 2,19$). Verificou-se ainda que os sujeitos que estavam por dia entre 30 minutos a uma hora ($M = 1,51$; $DP = 0,82$), entre uma a três horas ($M = 1,52$; $DP = 0,81$) e entre três a cinco horas ($M = 1,65$; $DP = 0,74$) apresentam valores de infidelidade emocional menores em comparação com aqueles que passavam mais de cinco horas conectados ($M = 1,89$; $DP = 0,96$). Além disso, revelaram que os sujeitos que passavam menos de 30 minutos por dia nas redes sociais eram os que colocavam menos informação através das redes sociais ($M = 2,21$; $DP = 1,40$) comparativamente àqueles passavam de 30 minutos a uma hora ($M = 2,52$; $DP = 1,35$), de uma a três horas, ($M = 3,06$; $DP = 1,62$), de três a cinco horas ($M = 3,34$; $DP = 1,82$) e mais de cinco horas ($M = 3,69$; $DP = 2,16$).

Diferenças entre os participantes com diferentes estados relacionais nas redes sociais

Com o objetivo de analisar possíveis diferenças entre os utilizadores com diferentes estados relacionais nas redes sociais, realizou-se uma ANOVA unidirecional. Desta forma, observou-se que existiam diferenças estatisticamente significativas no que refere à subescala explícita do PDIS, $F(3,563) = 3,63$, $p < 0,05$. Testes post-hoc mostraram que os indivíduos que referiram estar solteiros nas redes sociais percecionavam menos comportamentos explícitos como sendo traição ($M = 5,27$; $DP = 1,22$) comparativamente a quem não tinha o estado relacional visível ($M = 5,53$; $DP = 0,95$), estava numa relação ($M = 5,61$; $DP = 1,14$) e apresentava outros estados relacionais (e.g., “é complicado”) ($M = 5,53$; $DP = 1,10$).

Discussão

No presente estudo, analisou-se a relação existente entre as redes sociais e as perceções e comportamentos de infidelidade. Para isso os participantes preencheram um questionário *online* que incluía questões sociodemográficas, sobre infidelidade e redes sociais, a Escala de Perceções de Infidelidade (PDIS) e a Escala de Infidelidade Sexual e Emocional (EISE). Os participantes responderam ainda ao Inventário de Motivações para a Infidelidade (IMI) adaptado, de modo a incluir motivações para a infidelidade relacionadas com as redes sociais.

A nossa primeira hipótese de que as redes sociais eram uma motivação para trair sexualmente e emocionalmente o parceiro foi confirmada pelos nossos dados. É importante referir que a adaptação

INFIDELIDADE SEXUAL E EMOCIONAL NAS REDES SOCIAIS

do IMI (Barta & Kiene, 2005; Versão Portuguesa de Souto, 2016) foi bem-sucedida, passando então esta versão a incluir quatro questões acerca das redes sociais, nomeadamente duas relacionadas com a dedicação do parceiro a estes espaços *online* e duas relacionadas com o próprio. Mais especificamente, a análise fatorial confirmatória revelou um bom ajuste do modelo de cinco fatores. Este modelo apresentou boa confiabilidade interna e, à semelhança da escala original (Barta & Kiene, 2005), o cálculo do Alpha de *Cronbach* revelou uma consistência interna satisfatória.

Desta forma, quando os participantes que já tinham traído os parceiros atuais ou passados foram questionados sobre as motivações para terem sido infiéis, verificaram-se pontuações médias relativas à raiva, sexo e redes sociais entre 1,67 e 1,96 (numa escala de 1 a 7) e pontuações médias relativas à negligência e à insatisfação de 3,41 e 3,58, respetivamente. Estes resultados foram semelhantes aos da escala original, que obtiveram pontuações médias nas motivações raiva e sexo de 1,84 e 1,78, e nas motivações negligência e insatisfação de 3,48 e 3,90, respetivamente. No presente estudo, a motivação redes sociais foi pontuada de um modo idêntico à motivação sexo, indicando que a dedicação às redes sociais e as necessidades sexuais parecem ter contribuições semelhantes para a infidelidade. Além disso, os participantes que pontuaram mais na motivação redes sociais tendiam igualmente a evidenciar valores mais elevados nas restantes motivações assim como a serem mais infiéis sexualmente.

A nossa segunda hipótese era que as pessoas que colocavam menos fotografias com o parceiro nas redes sociais traíam mais sexualmente e emocionalmente e percecionavam menos comportamentos como sendo traição, foi confirmada pelos nossos dados. As pessoas que colocavam fotografias do parceiro estavam de certo modo a assumir publicamente o compromisso e a vontade de ficarem juntos a longo-prazo (Hand, Thomas, Buboltz, Deemer, & Buyanjargal, 2013; Toma & Choi, 2015), e conseqüentemente tendiam a traír menos. Em relação às percepções de infidelidade, os participantes que colocavam fotos do parceiro percecionavam mais comportamentos ambíguos e explícitos (referentes à infidelidade sexual e emocional) como traição. De acordo com Hackathorn (2009) os comportamentos ambíguos *online*, como conversas, podem ser percebidos como infidelidade, tendo conseqüências fortes o suficiente para dissolver o relacionamento.

A hipótese de que as pessoas que colocavam fotografias suas que atraíam muita atenção e comentários positivos de potenciais parceiros nas redes sociais traíam mais sexualmente e emocionalmente e percecionavam menos comportamentos como sendo traição foi também confirmada pelos resultados. Estes resultados foram consistentes com a investigação que mostra que quanto maior é o leque de alternativas, e quanto mais apelativos são os potenciais parceiros, maior é a

INFIDELIDADE SEXUAL E EMOCIONAL NAS REDES SOCIAIS

probabilidade de um indivíduo trair (DeWall et al., 2011). Em relação às percepções de infidelidade, os participantes que colocavam fotografias suas que atraíam muita atenção e comentários positivos de potenciais parceiros nas redes sociais percecionavam mais comportamentos implícitos (referentes à emocional) como traição. Estes participantes tendiam também a disponibilizar uma maior quantidade de informação e fotografias nas redes sociais.

Os resultados foram consistentes com a quarta hipótese, mostrando que aqueles participantes que desenvolveram comportamentos de sedução através das redes sociais no decorrer da relação atual apresentavam valores mais elevados de infidelidade sexual e emocional, e percecionavam menos comportamentos implícitos e explícitos como traição. Várias investigações (Li & Zheng, 2018; Young & Abreu, 2011) sugerem que os sujeitos recorrem cada vez à internet para conhecer pessoas novas, cortejar, seduzir e muitas vezes, envolverem-se em conversas altamente sexualizadas. Na verdade, a internet introduziu dinâmicas sem precedentes nos relacionamentos conjugais, dado que nunca foi tão fácil aproveitar a estabilidade de um relacionamento e, ao mesmo tempo, as emoções do *flirt online* (Maheu & Subotnik, 2001; Young, Griffin-Shelley, Cooper, O'Mara, & Buchanan, 2000).

De facto, sugere-se que muitos encontros se iniciam *online*, e que uma grande proporção de indivíduos continua essas relações presencialmente (Rotunda, Kass, Sutton, & Leon, 2003; Whitty, 2003; Whitty & Carr, 2006). Verificou-se ainda que muitas pessoas esperam eventualmente encontrar-se cara a cara com seus interlocutores num futuro próximo (Whitty, 2003), podendo-se, desta forma, desenvolver um contacto afetivo como também sexual. Estes resultados vão de encontro com a literatura que mostra, por exemplo, que as redes sociais proporcionam o reencontro com ex-namorados, amantes, amigos e também facilitam a prática da infidelidade (Muisse, Chistofides, & Desmarais, 2009).

A nossa quinta hipótese foi parcialmente comprovada na medida em que se verificou que as pessoas que passavam mais tempo nas redes sociais evidenciavam valores mais elevados de infidelidade emocional, mas não de infidelidade sexual. Esses resultados vão de encontro com alguns autores (e.g., Cooper & Sportolari, 1997; Merkle & Richardson, 2000) que têm sugerido que as características emocionais das relações estabelecidas através da internet prevalecem sobre a atração física ou sexual (Underwood & Findlay, 2004). De facto, as relações *online* são construídas com base em níveis acentuados de comunicação, autorrevelação e intimidade (Merkle & Richardson, 2000). Tem sido igualmente referido que, a tecnologia atual dos meios virtuais supõe que os atos de infidelidade envolvam componentes mais emocionais do que sexuais, e que isto deve ser compreendido como um desejo de ser amado e cuidado de uma forma que não se é na relação primária (Cooper, McLoughlin, & Campbell, 2000). Importa, ainda referir o estudo de Underwood e Findlay (2004), no qual a maioria

INFIDELIDADE SEXUAL E EMOCIONAL NAS REDES SOCIAIS

dos participantes reportou que mentiram ao parceiro sobre a quantidade de tempo despendido com a outra pessoa *online* e que negligenciaram encarregar-se das tarefas domésticas por esse motivo. Além disso, um quarto da amostra admitiu que a relação virtual afetou a relação primária. Nessa linha de pensamento, vários investigadores (e.g., Hertlein & Piercy, 2006; Millner, 2008) evidenciaram que as tecnologias têm vindo a contribuir para um afastamento no relacionamento, de facto começa a haver um distanciamento entre os casais, limitação do companheirismo, afetividade e comunicação (Singh, Singh, & Goyal, 2008). Além disso, não se verificaram diferentes perceções sobre a infidelidade entre as pessoas que passavam mais tempo nas redes sociais, isso poderá indicar-nos que não é a quantidade de tempo despendida nos meios virtuais que faz com que se percecionem mais comportamentos como traição, mas sim a utilização que é feita.

A sexta hipótese foi também apenas parcialmente confirmada pelos dados. Mais especificamente, os indivíduos que declararam estar solteiros nas redes sociais percecionam menos comportamentos explícitos como sendo traição, comparativamente a quem não tem o estado relacional visível, está numa relação e apresenta outros estados relacionais (e.g., “é complicado”). Porém, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ao nível da traição emocional e sexual.

No nosso estudo observam-se diferenças entre o sexo masculino e feminino. As mulheres apresentaram valores mais elevados nas motivações insatisfação e negligência enquanto os homens pontuaram mais na motivação sexo. Além disso, o sexo feminino considerou mais comportamentos ambíguos, implícitos e explícitos como sendo traição, evidenciando perceções mais negativas acerca da infidelidade e colocavam mais informação e fotografias nas redes sociais. Por sua vez, os homens pontuavam mais na infidelidade sexual e emocional, resultados estes que foram consistentes com estudos prévios (Pinto & Arantes, 2016). Relativamente à idade, os participantes mais velhos tendiam a disponibilizar menos informação nas redes sociais.

Salienta-se que vários estudos têm demonstrado que infidelidade ocorre com elevada prevalência (De Stefano & Oala, 2008; Duba, Kindsvatter & Lara, 2008; Goldenberg, 2013; Treas & Giesen, 2000). O nosso estudo vai de encontro com esses resultados. Mais especificamente, da nossa amostra de 681 indivíduos, 47 (6,90%) afirmaram ter sido infiéis na relação atual e 130 (19,10%) no passado. Contudo, importa referir que os participantes podem omitir alguns comportamentos infiéis por ser uma temática que não é socialmente aceite (Walters & Burger, 2012), ser um assunto íntimo e, também, por medo da quebra da confidencialidade (Blow & Hartnett, 2005; Mark, Janssen, & Milhausen, 2011).

INFIDELIDADE SEXUAL E EMOCIONAL NAS REDES SOCIAIS

Nesta investigação foram surgindo outras limitações que deverão ser tidas em conta, não só na interpretação dos resultados, como também para futuras investigações. Uma limitação deve-se ao facto de que os nossos dados foram recolhidos através de um questionário de autorrelato *online*, administrado num único momento que pode ser vulnerável a vieses, conduzindo a um decréscimo dos comportamentos de infidelidade assinalados, fruto do efeito de desejabilidade social. Neste sentido, seria pertinente num futuro próximo investigar-se a infidelidade através de um estudo longitudinal. Além disso, outra limitação é a idade da nossa amostra, uma vez que a idade média é de aproximadamente 26 anos. Seria interessante replicar este estudo com uma amostra constituída por participantes de faixas etárias mais elevadas de modo a examinar se seria evidenciado o mesmo padrão de resultados.

Embora este estudo não afirme ter todas as respostas sobre a temática, revelou a existência de lacunas presentes na literatura que precisam de ser abordadas em pesquisas futuras. Importa, contudo, referir que apesar dessas limitações, a presente investigação apresenta algumas descobertas interessantes sobre um tópico que tem grande influência no funcionamento da sociedade atual. De facto, com o aumento da internet como meio de comunicação, torna-se indispensável perceber a influência que exercem as redes sociais nos relacionamentos amorosos.

Conclusão

Os resultados obtidos neste estudo evidenciaram que existe uma relação entre as redes sociais e a infidelidade. Mais especificamente, estes resultados mostraram que o facto de as pessoas dedicarem mais tempo às redes sociais e receberem muita atenção por parte de outras pessoas nas mesmas – assim como comportamentos semelhantes por parte dos parceiros – acaba por aumentar a motivação para a infidelidade. Verificamos ainda que as pessoas que: i) colocavam menos fotografias com o parceiro nas redes sociais; ii) colocavam fotografias suas que atraíam muita atenção e comentários positivos de potenciais parceiros nas redes sociais; e iii) desenvolviam comportamentos de sedução através das redes social, traíam mais sexualmente e emocionalmente e percecionavam menos comportamentos como sendo traição. Além disso, as pessoas que passavam mais tempo nas redes sociais traíam mais a nível emocional do que aquelas que dedicam menos tempo *online*. Por fim, os indivíduos que declararam estar solteiros nas redes sociais percecionavam menos comportamentos explícitos como sendo traição, comparativamente a todos os outros. Este estudo é importante porque demonstra que num mundo onde as novas tecnologias e a internet têm cada vez mais peso na vida quotidiana (Li & Zheng, 2018; Young & Abreu, 2011), aquilo que se passa *online* tem implicações nas relações *offline* dos indivíduos.

Referências

- Allen, E. S., & Baucom, D. H. (2006). Dating, marital and hypothetical extradyadic involvements: how do they compare. *The Journal of Sex Research, 43*(4), 307-317. doi:10.1080/00224490609552330.
- Almeida, T. (2007). Infidelidade heterossexual e relacionamentos amorosos contemporâneos. *Pensando Famílias, 11*(2), 49-56.
- Atkins, D., Baucom, D., & Jacobson, N. (2001). Understanding infidelity: correlates in a national random sample. *Journal of Family Psychology, 15*(4), 735-749. doi:10.1037//0893-3200.15.4.735.
- Atwood, J. D. (2005). Cyber-affairs: "what's the big deal?" therapeutic considerations. *Journal of Couple and Relationship Therapy: Innovations in Clinical and Educational Interventions, 4*(2), 117-134. doi:10.1300/J398v04n02_11.
- Bargh, J., & McKenna, K. (2004). The Internet and social life. *Annual Review of Psychology, 55*(1), 573-590. doi:10.1146/annurev.psych.55.090902.141922.
- Barta, W., & Kiene, S. (2005). Motivations for infidelity in heterosexual dating couples: the roles of gender, personality differences, and sociosexual orientation. *Journal of Social and Personal Relationships, 22*(3), 339-360. doi:10.1177/0265407505052440.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- Beaulieu-Pelletier, G., Philippe, F. L., Lecours, S., & Couture, S. (2011). The role of attachment avoidance in extradyadic sex. *Attachment & Human Development, 13*(3), 293-313. doi:10.1080/14616734.2011.562419.
- Ben-Ze'ev, A. (2004). *Love online: Emotions on the Internet*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Blow, A., & Hartnett, K. (2005). Infidelity in committed relationships I: a methodological review. *Journal of Marital and Family Therapy, 31*(2), 183-215. doi:10.1111/j.1752-0606.2005.tb01555.x.
- Brand, R., Markey, C., Mills, A., & Hodges, S. (2007). Sex differences in self-reported infidelity and its correlates. *Sex Roles, 57*(1), 101-109. doi:10.1007/s11199-007-9221-5.
- Buss, D. M., & Schmitt, D. (1993). Sexual strategies theory: an evolutionary perspective on human mating. *Psychological Review, 100*(4), 204-232. doi:10.1037/0033-295X.100.2.204.
- Camargo, B., Alves, C., Morais, D., & Koelzer, L. (2010). Normas sociais relacionadas à infidelidade no espaço virtual. *Brazilian Cultural Studies, 1*(3), 289-304.

INFIDELIDADE SEXUAL E EMOCIONAL NAS REDES SOCIAIS

- Cooper, A., Delmonico, D.L., & Burg, R. (2000) Cybersex Users, Abusers, and Compulsives: New Findings and Implications. *Sexual Addiction and Compulsivity*, 7(1), 5-29. doi: 10.1080/10720160008400205
- Cooper, A., McLoughlin, I. P., & Campbell, K.M. (2000). Sexuality in cyberspace: update for the 21st century. *CyberPsychology & Behaviour*, 3(4), 521–536. doi: 10.1089/109493100420142.
- Cooper, A., & Sportolari, L. (1997). Romance in cyberspace: understanding online attraction. *Journal of Sex Education and Therapy*, 22(1), 7–14. doi:10.1080/01614576.1997.11074165.
- Cramer, R. E., Lipinski, R. E., Meteer, J. D., & Houska, J. A. (2008). Sex differences in subjective distress to unfaithfulness: testing competing evolutionary and violation of infidelity expectations hypotheses. *The Journal of Social Psychology*, 148(4), 389-405. doi:10.3200/SOCP.148.4.389-406.
- Cravens, J. C., & Whiting, J. B. (2015). Fooling around on Facebook: the perceptions of infidelity behavior on social networking sites. *Journal of Couple & Relationship Therapy*, 15(3), 213-231. doi:10.1080/15332691.2014.1003670.
- De Stefano, J., & Oala, M. (2008). Extramarital affairs: basic considerations and essential tasks in clinical work. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 16(1), 13-19. doi:10.1177/1066480707309128.
- DeWall, N. C., Lambert, N. M., Slotter, E. B., Pond, R. S., Deckman, T., Finkel, E. J., Luchies, L. B., & Fincham, F. D. (2011). So Far Away From One's Partner, Yet So Close to Romantic Alternatives: Avoidant Attachment, Interest in Alternatives, and Infidelity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 101(6), 1302–1316. doi: 10.1037/a0025497.
- Donnamaria, C. P., & Terzis, A. (2009). O amor caiu na rede: sobre a procura de parceiro e a evolução de vínculos amorosos na Internet. *Revista da Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*, 10(2), 56-61.
- Duba, J., Kindsvatter, A., & Lara, T. (2008). Treating infidelity: considering narratives of attachment. *The Family Journal*, 16(4), 293-299. doi:10.1177/1066480708323198.
- Green, M. C., & Sabini, J. (2006). Gender, socioeconomic status, age, and jealousy: emotional responses to infidelity in a national sample. *Emotion*, 6(2), 330-334. doi:10.1037/1528-3542.6.2.330.
- Feldman, S. S., & Cauffman, E. (1999). Your cheatin' heart: attitudes, behaviors, and correlates of sexual betrayal in late adolescents. *Journal of Research on Adolescence*, 9(3), 227-252. doi:10.1207/s15327795jra0903_1.

INFIDELIDADE SEXUAL E EMOCIONAL NAS REDES SOCIAIS

- Fife, S. T., Weeks, R. & Gambescia, N. (2008). Treating infidelity: an integrative approach. *The Family Journal: counseling and therapy for couples and families*, 16(4), 316-323. doi:10.1177/1066480708323205.
- Fife, S.T., Weeks, G.R., & Stellberg-Filbert, J. (2013). Facilitating forgiveness in the treatment of infidelity: an interpersonal model. *Journal of Family Therapy*, 35(4), 343-367. doi:10.1111/j.1467-6427.2011.00561.x.
- Fish, J., Pavkov, T., Wetchler, J., & Bercik, J. (2012). Characteristics of those who participate in infidelity: the role of adult attachment and differentiation in extradyadic experiences. *The American Journal of Family Therapy*, 3(40), 214-229. doi:10.1080/01926187.2011.601192.
- Frederick, D., & Fales, M. (2014). Upset over sexual versus emotional infidelity among gay, lesbian, bisexual, and heterosexual adults. *Archives of Sexual Behavior*, 45(1), 175-191. doi:10.1007/s10508-014-0409-9.
- Glass, S., & Wright, T. L. (1992). Justifications for extramarital relationships: the association between attitudes, behaviors, and gender. *Journal of Sex Research*, 29(3), 361-387. doi:10.1080/00224499209551654.
- Goldenberg, M. (2013). Relações amorosas e conjugalidades: amor, casamento e fidelidade na cultura brasileira. *Gênero na Amazônia*, 3, 13-24.
- Hackathorn, J. (2009). Beyond touching: the evolutionary theory and computer mediated infidelity. *The New School Psychology Bulletin*, 6, 29-34.
- Hand, M. M., Thomas, D., Buboltz, C. W., Deemer, & Buyanjargal, M. (2013). Facebook and Romantic Relationships: Intimacy and Couple Satisfaction Associated with Online Social Network Use. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 16(1), 8-13. doi: 10.1089/cyber.2012.0038.
- Harris, C. (2003). A review of sex differences in sexual jealousy, including self-report data, psychophysiological responses, interpersonal violence, and morbid jealousy. *Personality and Social Psychology Review*, 7, 102-128. doi:10.1207/S15327957PSPR0702_102-128.
- Harris, C. R. (2004). The evolution of jealousy. *American Scientist*, 92, 62-71.
- Henline, B. H., Lamke, L.K., & Howard, M.D. (2007). Exploring perceptions of online infidelity. *Personal Relationships*, 14(1), 113-128. doi:10.1111/j.1475-6811.2006.00144.x.
- Hertlein, K. M., & Piercy, F. P. (2006). Internet Infidelity: a critical review of the literature. *The Family Journal*, 14(4), 366-371. doi:10.1177/1066480706290508.
- Hintz, H. C., Trindade, M. C., Halpern, S. C., Toschi, J., & Bronzatti, G. M. (2014). O monstro dos olhos

INFIDELIDADE SEXUAL E EMOCIONAL NAS REDES SOCIAIS

- verdes no ciberespaço: ciúme e redes sociais. In T, Almeida (Eds.), *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois* (159-181). São Paulo: PoloBooks.
- Kinsey, A., Pomeroy, W., & Martin, C. (1949). Sexual behaviour in the human male. *Journal of Neuropathology & Experimental Neurology*, 8(1), 121-135. doi:10.1002/ajpa.1330060119.
- Lammers, J., Stoker, J. I., Jordan, J., Pollmann, M., & Stapel, D. A. (2011). Power increases infidelity among men and women. *Psychological Science*, 22(9), 1191-1197. doi:10.1177/0956797611416252.
- Laumann, E. O., Gagnon, J. H., Michael, R. T., & Michaels, S. (1994). *The social organization of sexuality: sexual practices in the United States*. Chicago: University of Chicago Press.
- Leeker, O., & Carlozzi, A (2012). Effects of sex, sexual orientation, infidelity expectations, and love on distress related to emotional and sexual infidelity. *Journal of Marital and Family Therapy*, 40, 68-91. doi:10.1111/j.1752-0606.2012.00331.
- Lewandowsky, G.W., & Ackerman, R.A. (2006). Something's Missing: need fulfillment and self expansion as predictors of susceptibility to infidelity. *The Journal of Social Psychology*, 146(4), 389-403. doi:10.3200/SOCP.146.4.389-403.
- Li, D., & Zheng, L. (2018). Influence of the Perceived Infidelity of Online Sexual Activities (OSAs) on OSA Experiences Among Chinese Heterosexual Individuals in Committed Relationships. *Journal of Sex & Marital Therapy*, doi: 10.1080/0092623X.2018.1462275.
- Luo, S., Cartun, M., & Snider, A. (2010). Assessing extradyadic behavior: a review, a new measure, and two new models. *Personality and Individual Differences*, 49, 155-163. doi:10.1016/j.paid.2010.03.033.
- Martins, A.F.R.S. (2012). *Comportamentos extra-diádicos offline e online nas relações de namoro: Diferenças de género nos motivos, prevalência e correlatos*. (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Martins, A., Pereira, M., Andrade, R., Dattilio, F.M., Narciso, I., & Canavarro, M.C. (2015). Infidelity in dating relationships: Gender-specific correlates of face-to-face and online extradyadic involvement. *Archives of Sexual Behavior*, 45(1), 193-205. doi:10.1007/s10508-015-0576-3.
- Mathes, E. W. (2003). Are sex differences in sexual vs emotional jealousy explained better by differences in sexual strategies or uncertainty of paternity? *Psychological Reports*, 93(3), 895-906. doi:10.2466/PRO.93.7.895-906.
- Mattingly, B., Wilson, K., Clark, E., Bequette, A., & Weidler, D. (2010). Foggy faithfulness: relationship

INFIDELIDADE SEXUAL E EMOCIONAL NAS REDES SOCIAIS

- quality, religiosity, and the perceptions of dating infidelity scale in an adult sample. *Journal of Family Issues*, 31(11), 1465-1480. doi:10.1177/0192513X10362348.
- McKenna, K. Y. A., & Bargh, J. A. (2000). Plan 9 from cyberspace: the implications of the internet for personality and social psychology. *Personality and Social Psychology Review*, 4(1), 57-75. doi:10.1207/S15327957PSPR0401_6.
- Merkle, E. R., & Richardson, R. A. (2000). Digital dating and virtual relating: conceptualizing computer mediated romantic relationships. *Family Relations: Interdisciplinary Journal of Applied Family Science*, 49(2), 187-192. doi:10.1111/j.1741-3729.2000.00187.x.
- Millner, V. S. (2008). Internet Infidelity: a Case of intimacy with detachment. *The Family Journal*, 16(1), 78-82. doi:10.1177/1066480707308918.
- Paul, E. L., & Hayes, K. A. (2002). The casualties of 'casual' sex: a qualitative exploration of the phenomenology of college students' hookups. *Journal of Social and Personal Relationships*, 19(5), 639-661. doi:10.1177/0265407502195006.
- Pinto, R., & Arantes, J. (2016). The relationship between sexual and emotional promiscuity and infidelity. *Athens Journal of Social Sciences*, X(Y), 1-14.
- Pittman, F. (1989). *Private Lies: Infidelity and the Betrayal of Intimacy*. New York: Norton.
- Pittman, F. (1994). *Mentiras privadas: a infidelidade e a traição na intimidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Raacke, J., & Bonds-Raacke, J. (2008). MySpace and facebook: applying the uses and gratifications theory to exploring friendnetworking sites. *CyberPsychology & Behavior*, 11(2), 169-174. doi:10.1089/cpb.2007.0056.
- Rosen, L. D. (2007). *Me, MySpace, and I: Parenting the Net Generation*. New Your, NY: Palgrave Macmillan.
- Rotunda, R. J., Kass, S. J., Sutton, M. A., & Leon, D. T. (2003). Internet use and misuse: preliminary findings from a new assessment instrument. *Behavior Modification*, 27(4), 484-504. doi:10.1177/0145445503255600.
- Russel, V. M., Baker, L. R., & McNulty, J. K (2013). Attachment insecurity and infidelity in marriage: do studies of dating relationships really inform us about marriage?. *Journal of Family Psychology*, 27(2), 242-251. doi: 10.1037/a0032118.
- Sagarin, B. J., Becker, D. V., Guadagno, R. E., Nicastle, L. D., & Millevoi, A. (2003). Sex differences (and similarities) in jealousy: the moderating influence of infidelity experience and sexual

INFIDELIDADE SEXUAL E EMOCIONAL NAS REDES SOCIAIS

- orientation of the infidelity. *Evolution and Human Behavior*, 24(1), 17-23. doi:10.1016/S1090-5138(02)00106-X.
- Scheeren, P. (2016). *Comportamentos de Infidelidade Conjugal: A construção de um instrumento* (Tese de doutorado não publicada) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Scheeren, P., Apellániz, I., & Wagner, A. (2018). Infidelidade conjugal: a experiência de homens e mulheres. *Temas em Psicologia*, 26(1), 355-369. doi:10.9788/TP2018.1-14Pt.
- Shackelford, T. K., & Buss, D. M. (1996). Betrayal in mateships, friendships and coalitions. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 22(11), 1151-1164. doi:10.1177/01461672962211006
- Shackelford, T. K., & Buss, D. M. (1997). Cues to infidelity. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 23, 1034–1045.
- Shackelford, T. K., Buss, D. M., & Bennett, K. (2002). Forgiveness or breakup: sex differences in responses to a partner's infidelity. *Cognition and Emotion*, 16(2), 299-307. doi:10.1080/02699930143000202.
- Shackelford, T. K., LeBlanc, G. J., & Drass, E. (2000). Emotional reactions to infidelity. *Cognition and Emotion*, 14(5), 643-659. doi:10.1080/02699930050117657.
- Sheppard, V. J., Nelson, E. S., & Andreoli-Mathie, V. (1995). Dating relationships and infidelity: attitudes and behaviors. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 21(3), 202-213. doi:10.1080/00926239508404399.
- Silva, A., Saraiva, M., Albuquerque, P., & Arantes, J. (2017). The influence of relationship quality on attitudes toward and perceptions of infidelity. *Personal Relationships*, 24(4), 718-728. doi:10.1111/per.12205.
- Singh, S., Singh, A., & Goyal, G. (2008). Online and offline infidelity: impact on life. *Annals of General Psychiatry*, 7(1), 301. doi:10.1186/1744-859X-7-S1-S301.
- Souto, S. L. (2016). *Relações amorosas e infidelidade*. (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Tafoya, M. A., & Spitzberg, B. H. (2007). The dark side of infidelity: Its nature, prevalence, and communicative functions. In B. H. Spitzberg, & W. R. Cupach (Eds.), *The dark side of interpersonal communication* (201-242). Lawrence Erlbaum Associates.
- Thompson, A. P. (1984). Emotional and sexual componentes of extramarital relations. *Journal of Marriage and the Family*, 46(1), 35-42. doi:10.2307/351861.
- Toma, C. L., & Choi, M (2015). The Couple Who Facebooks Together, Stays Together: Facebook Self-

INFIDELIDADE SEXUAL E EMOCIONAL NAS REDES SOCIAIS

- Presentation and Relationship Longevity Among College-Aged Dating Couples. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 18(7), 367-372. doi: 10.1089/cyber.2015.0060.
- Treas, J., & Giesen, D., (2000). Sexual infidelity among married and cohabiting americans. *Journal of Marriage and Family*, 62(1), 48-60. doi:10.1111/j.1741-3737.2000.00048.x.
- Underwood, H., & Findlay, B. (2004). Internet relationships and their impact on primary relationships. *Behaviour Change*, 21(2), 127-140. doi:10.1375/bech.21.2.127.55422.
- Whitley, M. (2008). Attitudes toward infidelity scale. In D. Knox, & C. Schacht (Eds.), *Choices in relationships* (9^a ed.). Belmont, CA: Thompson Wadsworth Publishing.
- Whitty, M. T. (2003). Pushing the wrong buttons: Men's and women's attitudes toward online and offline infidelity. *CyberPsychology and Behavior*, 6(6), 569-579. doi:10.1089/109493103322725342.
- Whitty, M. T. (2005). The realness of cybercheating: Men's and women's representations of unfaithful Internet relationships. *Social Science Computer Review*, 23(1), 57-67. doi:10.1177/0894439304271536.
- Whitty, M., & Carr, A. (2006). *Cyberspace romance: The psychology of online relationships*. New York: Macmillan.
- Wilson, K., Fornasier, S., & White, K., M. (2010). Psychological predictors of young adults' use of social networking sites. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 13(2), 173-177. doi:10.1089=cyber.2009.0094.
- Wilson, K., Mattingly, B., Clark, E., Weidler, D., & Bequette, A. (2011). The gray area: exploring attitudes toward infidelity and the development of the perceptions of dating infidelity scale. *The Journal of Social Psychology*, 151, 63-86. doi:10.1080/00224540903366750.
- Wysocki, D. K. (1998). Let your fingers do the talking: sex on an adult chat-line. *Sexualities*, 1(4), 425-452. doi:10.1177/136346098001004003.
- Young, K. S. (1998). Internet addiction: the emergence of a new clinical disorder. *CyberPsychology and Behavior*, 1(3), 237-244. doi:10.1089/cpb.1998.1.237.
- Young, K. S., & Abreu, C. N. (2011). *Dependência de internet: manual e guia de avaliação e tratamento*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Zamperi, A. M. F. (2004). *Erotismo, Sexualidade, Casamento e Infidelidade. Sexualidade Conjugal e Prevenção do HIV e da AIDS*. São Paulo: Ágora.
- Zhang, N., Parish, W. L., Huang, Y., & Pan, S. (2012). Sexual infidelity in China: prevalence and gender-

INFIDELIDADE SEXUAL E EMOCIONAL NAS REDES SOCIAIS

specific correlates. *Archives of Sexual Behavior*, 41(4), 861-873. doi:10.1007/s10508-012-9930-x.

Zordan, E. P., & Strey, M. N. (2011). Separação conjugal: aspetos implicados nessa decisão, reverberação e projetos futuros. *Pensando Famílias*, 15(2), 71-88.